

**A RESPONSABILIDADE ÉTICA COMO COMPROMISSO HUMANO:
DIÁLOGO ENTRE SARTRE E LEVINAS**

Kátia Marian Correa*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo explicitar a responsabilidade ética enquanto um compromisso humano, por meio de um diálogo entre Sartre e Levinas. Desta maneira, apresentar-se-á algumas teses existencialistas sartreanas em que a literatura de forma irreverente e elucidativa aborde a ética entre o escritor e o leitor, mesmo salientando que é possível de diferentes maneiras explorar o aspecto ético no pensamento de Jean-Paul Sartre. A literatura sugere um apelo entre as liberdades humanas por meio da relação generosa entre o escritor e o leitor, ambos exigem um comprometimento da liberdade um do outro e constituem uma confiança entre si. A responsabilidade e o engajamento entre o escritor e o leitor são evidenciados, os dois tornam-se protagonistas, o escritor na escrita da obra e o leitor na leitura da mesma, finalizando-a, pois, o escritor não escreve para si mesmo ou para seu desfrute. A fim de estabelecer um diálogo e reflexão sobre o tema, apresenta-se algumas colocações de Levinas sobre a responsabilidade e o encontro com o Outro. Faz-se isso devido ambos os filósofos serem contemporâneos dentro da fenomenologia, e apesar de suas diferenças de pensamentos, os dois tratam de temas que giram em torno de questões comuns.

Palavras-chave: Responsabilidade. Ética. Sartre. Levinas.

**The Ethical Responsibility as a Human Commitment:
Dialogue Between Sartre and Levinas**

Abstract: This article aims to explain an ethical responsibility in a human commitment, through a dialogue between Sartre and Levinas. In this way, some existentialist theses of Sartreanas will be presented in which irreverent and elucidative literature approaches the ethics between writer and reader, even pointing out that the non-thinking aspect of Jean-Paul Sartre is possible in different ways of exploration. The literature suggests an appeal between human freedoms through the generous relationship between the writer and the reader, both require a compromise of the freedom of each other and constitute a trust between them. The responsibility and the engagement between the writer and the reader are evidenced, the two become protagonists, the writer in the writing of the work and the reader in the reading of the same, finalizing it, therefore, the writer does not write for himself or for Your enjoyment. In order to establish a dialogue and reflection on the theme, we present some of Levinas's

* Licenciada e mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: katiamarianc@gmail.com

statements about responsibility and the encounter with the Other. This is done because both philosophers are contemporaries within phenomenology, and despite their differences of thoughts, the two deal with themes that revolve around common issues.

Keywords: Responsibility. Ethic. Sartre. Levinas.

Introdução

Este artigo aborda algumas colocações de Sartre a respeito da relação entre o escritor e leitor por meio da obra literária, o aspecto que se analisa é uma ética e responsabilidade moral que está intrinsecamente presente na mesma. Uma vez que conforme as teses sartreanas sustentam, todo o falar engaja o sujeito na defesa da liberdade, o comprometer-se com o mundo em que uma perspectiva teórica não dá conta, e até mesmo a filosofia ao tentar dar conta se afasta da significação ética. Vale lembrar que para Sartre os homens são totalmente livres, ou seja, são seus atos que o fazem ser quem são, porém não há uma essência prévia ou definida, o homem vai se fazendo. E quanto à liberdade:

Logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros (SARTRE, 1987, p. 19).

A liberdade atrelada a responsabilidade ocupa lugar central no existencialismo sartreano, e na literatura não deixa de ser diferente. Como pode-se perceber na seguinte passagem :

Ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento (SARTRE, 1948, p. 20).

Assim como há uma generosidade entre o escritor e o leitor, este último deve receber o que a obra como um ato de doação, que terá de responder com sua leitura, completando a obra, exercendo sua responsabilidade e liberdade, portanto:

Assim, o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor; e o amor generoso é promessa de manter, e a indignação generosa é promessa de mudar, e a admiração é promessa de imitar; é certo que a literatura é uma coisa e a moral é outra bem diferente, mas, no fundo, do imperativo estético discernimos o imperativo moral. Pois como aquele que escreve reconhece, pelo próprio fato de se dar ao trabalho de escrever, a liberdade de seus escritores, e como aquele que lê, pelo simples fato de abrir o livro, reconhece a liberdade do escritor, a obra de arte, vista de qualquer ângulo, é um ato de confiança na liberdade dos homens. E uma vez que leitores e autor só reconhecem essa liberdade para exigir que ela se manifeste, a obra pode se definir como uma apresentação imaginária do mundo, na medida em que exige a liberdade humana (SARTRE, 1948, p. 51).

Levinas tem dentro de sua ética ou perspectiva moral, o outro como seu ponto de partida e centro. Em que o homem ou o eu deve levar sempre em consideração, antes mesmo de si mesmo, pois há um apelo que ocorre que tem necessariamente de ser respondido. Há uma responsabilidade maior do que se pode supor, isto se aproxima da concepção de Sartre de ser responsável por toda a humanidade como é colocado no *Existencialismo é um Humanismo*, não é só o querer e a liberdade de um só indivíduo que está em “jogo”, mas do que se caracteriza por homem. É por isto que é tão forte as provocações que ambos filósofos fazem. Será que é decorrência das experiências nocivas e dramáticas, sendo desumanas da guerra? Lembrando que Sartre serviu na segunda guerra mundial na função de meteorologista, permanecendo na prisão até abril de 1941, e aliou-se à Resistência Francesa, de suas reflexões escreveu o *Estrangeiro* e em 1943 *O Ser e o Nada*. Já Levinas por ser judeu foi perseguido na guerra e sua família também. Então o valor de humano para os dois é importante, a responsabilidade, a moral, a ética são imprescindíveis.

1 A literatura e o escritor: para um compromisso ético.

No presente tópico tem-se o objetivo maior de explicitar as considerações feitas por Sartre acerca da responsabilidade do escritor em sua atividade literária. Ou seja, na sua relação com a obra e com o leitor. Para tanto, utilizaremos a obra *La responsabilité de l'écrivain* (1946) que traz essa discussão. Trata-se de uma conferência que Sartre apresentou na Unesco no ano de 1946, faremos também algumas considerações para complementar a mesma, com os livros *La responsabilité chez Sartre et Levinas* (HABIB, 1998) e *Les Imprévus de l'histoire: Exigence d'une pensée* (LEVINAS, 1994, VIII) de Levinas, sendo que ambos abordam a questão da responsabilidade, não especificamente a responsabilidade do escritor, porém explicitam com muito rigor elementos presentes no existencialismo sartreano,

trazendo-se com o segundo livro uma leitura sob o olhar levinasiano das concepções de Sartre.

Na conferência *La responsabilité de l'écrivain* (1946) a frase de Dostoievski é citada por Sartre: “Todo homem é responsável por tudo diante todos.” (1946, p. 7). Com a mesma é enfatizado o compromisso ético que todos os homens são apelados a assumir perante sua realidade e perante todos os outros homens. Por tal apelo mostra-se a importância da coletividade humana de uma nação, compartilhando uma comunidade nacional, tornando-se mais responsável pelo que acontece ao seu redor. Um exemplo que retrata a coletividade de uma nação, utilizado por Sartre, é o seguinte:

Se existe em nós, ou em qualquer país que seja, uma forma qualquer de opressão racial ou econômica, nos tornamos responsáveis por cada um daqueles que não o denunciam. E se há qualquer injustiça, hoje existem tantos meios de comunicação e informação entre as nações, estão comprometidas em qualquer lugar da terra que seja, nós começamos também a assumir a responsabilidade dessa injustiça (1946, p.7-8).

Portanto pode-se perceber que quando alguém se cala diante de algo terrível e desumano, está sendo culpado e responsável ao omitir, e não fazer voz por meio da comunicação e informação. Não há justificativas disto, uma vez que se há recursos para tal, faz de todos os que silenciam responsáveis pelo acontecimento, no caso a cima, é o nazismo. Calar-se diante de uma injustiça é tornar-se injusto também. Sartre é incisivo ao falar que “todo mundo é responsável por tudo o que acontece no mundo.” (1946, p. 8). Eis o compromisso que cada sujeito deve assumir durante toda a sua existência, está lançado um valor inestimável, a saber, a humanidade.

Sartre questiona qual a responsabilidade dos escritores? E também, “fazer sua responsabilidade de homem se reflete inteiramente em sua arte, ou bem é que a responsabilidade do escritor é exercida dentro dos limites de sua especialidade, ou seja, a cerca de problemas especiais da arte de escrever?” (1946, p. 9). Uma vez o escritor sendo especialista na arte da escrita, a responsabilidade que ele possui, pois antes de tudo ele é homem, se da em suas criações artísticas ou em problemas da arte de escrever? Essa parece ser a pergunta norteadora de toda a discussão. Sartre ao levantar esta questão, se refere a atividade dos escritores na Alemanha nazista, desenvolvendo suas criações em revistas clandestinas. Para logo em seguida, falar sobre o conceito de literatura. A este respeito, afirma:

A literatura está concebida como verdadeiramente qualquer coisa de imediatamente derivada da condição humana e que, conseqüentemente, implica todas as responsabilidades dos homens, ou se, como a linguagem atual, diz, faz-se literatura, ou seja, fala-se por falar. E precisamente, porque não estamos muito conscientes do que é a literatura, existe uma teoria atual, mesmo entre os escritores, que é a irresponsabilidade do escritor. De alguma maneira, pensa-se que nomear é corajoso; tocar a coisa sem feri-la (1946, p. 13-14).

A literatura expressa à criação humana carrega em si mesma a implicação da responsabilidade dos indivíduos. Não se trata de uma arte inconsequente, pois, ao estar impregnada de linguagem, representa um falar do falar. Portanto, um escritor que cria uma obra, antes de tudo, está falando algo, significando as coisas, nomeando-as sem modifica-las. Um exemplo que ilustra muito bem esse toque a coisa sem feri-la é esse:

Aqui, um copo sobre esta mesa, eu digo que ele é um copo, eu vou nomeá-lo; parece, *a priori*, que o vidro não se importa muito, não é transformado pelo nome que eu digo, ele se manteve exatamente como é, em seu lugar, e que a voz da respiração não modificou absolutamente em nada a situação (SARTRE, 1946, p. 14, grifos do autor).

Só é possível utilizar a literatura a fim de nomear os objetos em uma dada situação. Segundo Sartre, não se trata apenas de um mundo de significações abstratas, a literatura tem o poder de modificar a realidade. Em *A Náusea*, lemos:

As coisas se libertam de seus nomes. Estão ali, grotescas, gigantescas, e parece imbecil chamá-las de bancos ou dizer o quer que seja a respeito delas: estou no meio das Coisas, das inomináveis. Sozinho, sem palavras, sem defesas, estou cercado por elas: por baixo de mim, por trás de mim, por cima de mim (2006, p. 158).

Ao vivenciar tal experiência, pode-se dizer que o personagem Roquentin percebe as coisas como elas são em si mesmas. Por quê? Porque elas excedem os nomes. Sobre isso, Rossatto¹ explica:

Ao romper a relação entre as palavras e as coisas, o personagem fica simplesmente em meio a opacidade das coisas sem significado algum. Roquentin se encontra sozinho frente as coisas sem poder contar com a mediação das palavras, dos conceitos, das ideias, dos pensamentos (2013, p. 96).

A responsabilidade é um conceito de grande valor dentro dos mais diversos saberes humanos, seja no âmbito jurídico com a perspectiva de direitos e deveres dos cidadãos, na política em que cada indivíduo deve desempenhar sua cidadania e reivindicar por melhores

¹ Professor Dr. Noeli Rossatto no livro – Existência e liberdade: diálogos filosóficos e pedagógicos em Jean Paul Sartre (2013), em seu artigo intitulado: Sartre místico: existência e liberdade em A náusea.

condições de saúde, bem-estar, segurança, educação como ao longo da história da filosofia, por exemplo. Sabe-se da importância que existe em se retomar dentro da tradição filosófica a respeito do conceito de responsabilidade. A esse respeito, é necessário salientar que Sartre retoma muitas concepções de outros filósofos, dialogando com a tradição. Existem influências dos mesmos no interior do seu pensamento, como, por exemplo, de Hegel, Scheler, Kierkegaard, Levinas, entre outros.

Tomemos o nome do último filósofo, a saber, Levinas. Aproximar Sartre de Levinas pode parecer forçado, há uma gritante diferença entre eles. No entanto, há temas e problemas muito próximos e parecidos. Por exemplo, no ensaio *De l'évasion* em, de 1935, Levinas mostra “a necessidade profunda de saída do ser.” (LEVINAS, 1994, p. 11). O ensaio foi escrito dois anos antes da publicação do romance sartreano *La Nausée* (A Náusea), sendo que, antes de Sartre, já se realiza uma fenomenologia da náusea, que para Levinas significa uma experiência corporal sufocante, da qual não se pode sair, uma espécie de acorrentamento do existente a si mesmo, preso em um círculo de sofrimento que o angustia, melhor dizendo, faz dele um ser “enjoado”, envolvido pela náusea (LEVINAS, 1982, p. 115 e ss.). Outro exemplo: o existencialismo de Sartre, para o qual a existência humana está condenada à liberdade e a “metafísica” levinasiana, em que a existência é despertada para o homem com vistas à liberdade. No artigo chamado *Existentialisme et antisémitisme* (1947) que foi publicado em *Paix et Droit*, revisão da *Alliance israélite universelle*, Levinas faz um comentário da conferência feita por Sartre em 3 de junho de 1947, referente à questão judaica. Levinas parabeniza a tentativa de Sartre de refletir sobre o homem, “em incluir a espiritualidade à situação histórica, econômica e social, sem fazer dela um simples objeto de pensamento.” (LEVINAS, 1994, p. 12). É notável que, com o existencialismo sartreano, o universalismo da filosofia dos direitos do homem perde o caráter de abstração, tornando-se tributário de engajamentos práticos. Mais outro exemplo: Levinas procura estabelecer um diálogo crítico com Sartre, em *La réalité et son ombre*, de 1948, publicado na revista *Les Temps modernes*. Trata-se de um texto rigoroso e inquietante sobre a arte e a literatura, ensaio filosófico que ultrapassa os limites de confrontação com *O imaginário* de Sartre. Marcando uma diferença de posições sartreana e levinasiana, pois para Sartre a arte é engajamento, já Levinas define a arte, da seguinte maneira: “como essencialmente pura” (LEVINAS, 1994, p. 13)². Em sentido levinasiano, afirma Pierre Hayat:

² No francês “comme essentiellement dégage.” (1948, p. 124, apud, 1994, p. 13).

A arte renuncia a pensar a realidade e a agir sobre ela. << Não fale, não reflita, admire em silêncio e em paz – esses são os conselhos da sabedoria satisfatórios para o belo.>> (p. 125). A arte traz ao mundo o amor do fato. O desinteresse que a ela se atribui não é senão o reverso de sua irresponsabilidade (HAYAT, 1994, p. 13).

Percebe-se que essa mesma sabedoria como uma espécie de boa consciência estética têm sustentação em uma fenomenologia da existência da obra de arte e da temporalidade que lhe é própria. Com isso vê-se que a obra artística retrata a vida, é presente na arte uma liberdade que não pode ser realizada, “sua tarefa do agora >> passando de um passado ou prometendo um futuro novo.” (1948, p. 110, apud, 1994, p. 13). A arte traz ao representar a vida, uma imagem plástica, uma estátua, algo engessado. A interpretação que pode ser feita é de que a vida por si só se esvai, só é vivida no momento que o fenômeno se dá, nas primeiras impressões, nas primeiras vivências. Os momentos posteriores só podem ser lembrados, até falados, porém, perdem algo essencial. Isto é, “paralela à duração concreta da vida, a obra de arte trás um tempo que Levinas nomeia o <<entretempo>>, que é a interminável duração do instante sem presente assumido nem passado identificado e cujo futuro está destinado a permanecer para sempre suspenso.” (1994, p. 13).

A respeito da arte, Levinas afirma:

Se a arte não fosse originalmente nem linguagem, nem conhecimento – se, por isso, ela se situasse fora do “ser no mundo”, coextensivo à verdade – a crítica se encontraria reabilitada. Ela marcaria a intervenção necessária da inteligência para integrar, na vida humana e no espírito, a desumanidade e a inversão da arte (1994, p. 108).

A distância entre Sartre e Levinas, no que diz respeito ao não-engajamento da arte, só poderia valer para a pintura, a poesia, talvez a música, mas não para a literatura. A palavra, tanto para Sartre quanto para Levinas, não é irresponsabilidade, mas o contrário. Não queremos, aqui, comparar os dois filósofos quanto ao tema da literatura. Mas, seria um ótimo tema para se desenvolver. O que nos importa, é o problema da significação, ou seja, que tanto para Sartre quanto para Levinas, a palavra nos lança no desafio de doar sentido ao mundo, ou ainda: nos abre o mundo como atravessado pelo sentido, como tarefa de humanização, de saída da imobilidade ou fixidez da linguagem puramente abstrata, totalizadora, limitadora da liberdade de expressão. Tanto para Sartre quanto para Levinas, a subjetividade humana é um *poder de falar, de significar*.

Sartre afirma que o escritor fala para ser reconhecido pelos outros no sentido em que Hegel fala do reconhecimento das consciências uma para as outras.³ O escritor almeja que o seu escrito seja reconhecido como uma criação estabelecida, ou seja, livre, livre como criação. E conforme Sartre: “Então livre como atividade que se dá suas próprias regras.” (1946, p. 23-24).

No que diz respeito ao leitor, Sartre faz o seguinte juízo de valor acerca do objeto literário. A obra pode ser bela ou feia. “este livro é belo quer dizer: eu considero culpados todos aqueles que não o julguem belo, ou se você prefere: eu exijo de todo o homem dessa comunidade a que eu pertenço que ele reconheça esse livro como sendo belo.” (1946, p. 25). Ao fazer um julgamento de valor, um homem faz com que todos os outros possam reconhecer esse mesmo valor, no caso do exemplo, é o valor do belo. Nesse pequeno gesto de julgar, a liberdade que cada homem possui é expressa. Além disso, se usa a liberdade, pois solicitam para usar um juízo universal, a beleza, por exemplo. Sartre se refere da seguinte maneira: “Remete ao que há de propriamente humano no homem, ou seja, à liberdade.” (1946, p. 26). No ato de julgar esteticamente há um reconhecimento da liberdade entre os indivíduos, isto é,

O julgamento estético é portanto o reconhecimento que há uma liberdade em face do eu, a liberdade do criador e, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência, por ocasião do objeto que está na minha frente, de minha própria liberdade, e enfim, em terceiro lugar, uma exigência que os outros homens, nas mesmas circunstâncias, têm a mesma liberdade (SARTRE, 1946, p. 27).

Há um valor diante do ato de julgar esteticamente, o valor da liberdade, reconhecer-se como sujeito livre e, de poder reconhecer a liberdade alheia. Dessa maneira, toma-se consciência dessa condição ontológica e existencial de todos os homens. A literatura afirma a liberdade humana. O escritor possui papel fundamental na afirmação da liberdade humana e do seu reconhecimento. A tese sartreana reforça isso: “Assim, o escritor é um homem que apelou para a liberdade do outro para reconhecer a sua liberdade. E como a liberdade não se contempla, mas que ela se realiza, ele o faz em ocasião de qualquer coisa que ele se propõe para mudar.” (1946, p. 28).

Há um aspecto ético, sobre o qual ainda falaremos mais adiante, na atividade do escritor que transcende o aspecto objetivo da linguagem, justamente por haver uma responsabilidade e um compromisso pela liberdade alheia, visto haver uma busca pelo reconhecimento de si mesmo enquanto um indivíduo livre. É notável a importante e

³ Na *Fenomenologia do espírito*, mais especificamente no capítulo sexto, Hegel trabalha a luta pelo reconhecimento entre as consciências.

indispensável relação entre o escritor e o leitor, um face-a-face no sentido de uma liberdade frente a outra liberdade, ou de um ser diante de outro ser. Isso mostra que não se trata de uma perspectiva teórica somente em questão, como a utilização de uma linguagem, de palavras a fim de comprometer o leitor com a obra, e sim, um aspecto estritamente prático, concreto, vivo, de uma existência humana que busca mudar as situações.

Está lançado o peso que o escritor carrega em sua atividade. Ao falar a outro existente humano, o escritor não está imune a um ter de responder. Afirma Sartre: “Se o escritor faz literatura, ou seja, se ele escreve, é porque ele assume a função de perpetuar, em um mundo onde a liberdade está sempre ameaçada, a afirmação e o apelo da liberdade.” (1946, p. 29). Diante de tal tese, percebe-se que a própria liberdade, ao ser afirmada e buscada pelos homens, apresenta-se enquanto um valor. Um escritor que não se move sobre a terra é culpado, e uma vez fazendo isso deixa de ser escritor. Pode-se notar que ser escritor é ir além das palavras, é modificar de alguma maneira o mundo, transformá-lo, assim sendo exercer e afirmar a liberdade em situação.

O livro é uma espécie de chamado ao leitor, e mais ainda, é um chamado à liberdade de um ser que se encontra em relação direta com o livro, ou seja, com a busca do sentido que transcende o aspecto objetivo da linguagem. Por ser intencional, como explicar este transcender? Eis o limite do ato de significar, da doação de sentido: há um sentido que não vem de um intencional. De onde vem? Sartre, diria que vem do Outro, da significação que parte do leitor. Quanto mais se aprofunda e avança página a página, se envolve cada vez mais com a trama, com a narrativa, com a busca por compreensão, com todo o poder que sua imaginação e criatividade possam lhe proporcionar. A respeito disso, Sartre nos fala:

Quando eu digo que um livro é um convite à liberdade, não é uma chamada para uma liberdade abstrata que simplesmente une uma espécie de poder metafísico do homem; aquela liberdade, nós não a conhecemos, nós a encontramos nos tratados de filosofia; mas não há em ninguém o propósito direto de agir no intuito de manter uma liberdade absoluta, eterna, incolor (1946, p. 32).

Não se trata de uma liberdade abstrata ou, melhor dizendo, de um ideal de liberdade. E sim da liberdade concreta, efetiva, manifestada por meio das ações humanas e das infinitas possibilidades que se apresentam no momento da decisão. Ao agir os homens procuram realizar o que desejam, o que querem alcançar, muito mais do que um objetivo ideal, e sim, algo concreto na vida humana. Isso aparece na seguinte citação sartreana:

Quando lutamos por algo, há uma maneira de querer essa coisa, que é uma maneira de implicitamente querer a liberdade. Podemos lutar simplesmente para elevar o nível intelectual de um grupo de pessoas, de reivindicar para estas pessoas ou por outros direitos específicos, e é fazendo isto que se perpetua e afirma a liberdade humana (SARTRE, 1946, p. 32).

Percebe-se, assim, que, ao lutar-se por algo, está-se diretamente querendo realizar a liberdade em sentido mais efetivo. E diante disso, Sartre afirma:

A liberdade se faz dia a dia e concretamente nas ações concretas em que ela está implicada e, por consequência, quando falamos de um engajamento do escritor, de uma responsabilidade do escritor, não se trata de um engajamento em nome de uma liberdade abstrata; a liberdade à qual ele faz apelo quando ele escreve é uma liberdade concreta que se quer a si mesma querendo qualquer coisa de concreto. É a uma indignação concreta sobre um evento particular, é a uma vontade de mudar uma instituição particular que ele faz apelo (1946, p. 33).

A liberdade pode ser mais do que um ideal, mais do que um querer abstrato, ela pode ser concreta no mundo, por meio de ações diárias e práticas. E a isso se liga diretamente um engajamento, isto é, um compromisso humano. Não se trata de qualquer compromisso, mas de uma consciência que, pode-se dizer, está comprometida com o bem que ela *põe* ou aspira. Liberdade não em sentido abstrato, mas real, vivida, entregue aos riscos inerentes ao processo de sua realização. O escritor, ao compor sua obra, coloca a questão da afirmação dessa liberdade concreta. Há uma indignação com algo específico, com a realidade em que o homem se encontra, com sua própria condição humana, a vontade de transformar algo. Ele sente, então, como que um clamor por mudança. A escrita é comprometida com a transformação porque tenta elucidar a ordem humana por meio de palavras. Ela poderia ser chamada transformadora por si só, exatamente porque nela há um significar, um intencionar. Ora, isso não é algo que diz respeito unicamente ao escritor, mas também, como afirma Sartre, a todos os homens: “se você quiser, não é apenas o escritor que é responsável por seu nível de responsabilidade, mas também a sociedade em que o que ele está localizado.” (1946, p. 34).

A sociedade na qual está inserido o escritor também possui poder decisivo, pois se trata do valor humano frente a liberdade, frente ao compromisso com o reconhecimento das ações. Sendo assim, há um valor que se pode caracterizar como bem nesse engajamento, Sartre se refere a ele da seguinte forma: “O escritor poderia contemplar o bem eterno ou poderia ter a ilusão de contemplar o bem eterno.” (1946, p. 34).

Há um teor político e social no apelo da liberdade com vistas a ações, pois estão intimamente ligadas a uma espécie de fazer artístico, isto é, de criação. Talvez se possa

mesmo dizer que não é o filósofo o mais habilitado a “escrever” sobre isto, uma vez que a literatura consegue, por meio da busca da compreensão da ordem humana, explicitar com mais propriedade e concretude os dramas morais do homem. A filosofia, com seus conceitos, juízos e teorias corre sempre o risco de se distanciar da vida. O filósofo fala da vida, e para tanto precisa teorizá-la, tematizá-la. E quanto ao escritor? Não faz o mesmo que o filósofo, com a diferença de fazê-lo literariamente, ou seja, não apenas de modo teórico? O fato é que, para Sartre, um escritor, sendo tal, não pode se esconder em construções teóricas, não pode fazer da linguagem uma espécie de esconderijo, nem uma apropriação de seres ou situações. O escritor não é um teórico puro, mas um homem no sentido mais radical. Ele é uma consciência responsável em situação. Sartre nega, categoricamente, a:

Teoria de que o escritor é irresponsável, isto é, de que ele é livre unicamente para criar, e para criar na inocência. Como eu já disse, não há literatura inocente, do mesmo que Saint-Just⁴ disse: <<não governar inocentemente>> ele deve dizer: nós não falamos, não escreve inocentemente. Os escritores são culpados de ter mantido por muito tempo a posição da arte pela arte. (1946, p. 39).

Sobre a responsabilidade da subjetividade humana, Sartre afirma o seguinte: “Eu sou responsável por tudo na minha frente e na frente de todos e a ignorância é restringir a minha responsabilidade em todo o mundo.” (1989, p. 92). É possível notar uma semelhança entre essa frase sartreana e a célebre frase dita por Dostoievski que Levinas cita, a saber: “Todos nós somos culpados por tudo perante todos e por todos; eu mais do que os outros” (1982, p. 90). Conforme, Habib, pode se compreender a natureza radical em Sartre, por ocorrer à passagem da noção de responsabilidade do tipo ontológico para uma inteligência de uma responsabilidade ética, visto que no existencialismo sartreano, há um primado ontológico a ética.

Levinas diz em *Difficile Liberté*⁵ sobre o agir:

É violenta toda ação ou agir como se estivéssemos sozinhos a agir: como se o resto do universo não estivesse lá para receber a ação, é violento, por conseguinte, também toda ação que sofremos sem ser em todos os aspectos colaboradores (1963, sp.).

Para Levinas, agir sozinho é impossível, toda ação é feita sobre a presença dos outros homens. A repercussão dessa concepção faz toda diferença na perspectiva ética e moral no

⁴ Saint Just (1767-1794) foi um militar e um líder político durante a Revolução Francesa.

⁵ *Difficile Liberté*. Essais sur le judaïsme (1963), traduzido para o português por: *Difícil liberdade. Ensaios sobre o judaísmo*.

interior de sua filosofia e, sobretudo na noção de responsabilidade que o autor apresenta. Eis também uma crítica levinasiana sobre a responsabilidade tomada por Sartre, vale lembrar que não se trata de uma eliminação de sua concepção, e sim de uma tentativa de refletir que Levinas faz sobre a mesma, a fim de apresentar um novo horizonte. A mesma se dirige a dizer que a responsabilidade em Sartre, conforme reporta Habib, não é uma possibilidade de responder aos seus atos, e a responsabilidade é do tipo responsabilidade-por-si-do-para-si, e não em detrimento com o outro, e as perguntas que surgem são: “Não se dá ao outro um papel secundário?”; “Não seria a violência da ontologia em geral e da ontologia sartriana em particular?” Eis a crítica à ontologia.

Nessa perspectiva, parece ser inevitável pensar uma ética em sentido sartriano que não tenha como centro a ontologia, e isso explicaria segundo Habib por que o livro sobre a moralidade, anunciado por Sartre em *O ser e o Nada*, não apareceu publicado enquanto o filósofo estava vivo. Em Levinas, afirma Habib, a ontologia não pode mais ser considerada como fundamental, então o ser não passa a ser questão primeira. É o outro que passa a ser fundamental e a questão primeira.

Em termos sartreanos o Para-Si é Para-Outro, isto é: “Esse outro que pode bem ser a seu lado, ou em frente dele, sem interromper o movimento da auto-constituição de seu próprio ser.” (HABIB, 1998, p. 58). Dessa maneira, percebe-se que há relações entre os dois seres, ou seja, o Para-si e o Outro, sem necessariamente ocorrer alterações em suas estruturas de constituição ou formação de ser. Na perspectiva sartriana, fazer e ser estão incontestavelmente ligados, o ser se faz ser, pois, não é uma coisa ou uma substância já dada previamente. Para Levinas, por sua vez, a responsabilidade é necessariamente sempre Para-Outro, não é possível de ser uma abreviação da responsabilidade-Para-si-Para-outro. A questão fundamental não é o que o ser é como desembocaria uma ontologia heideggeriana ou muito menos se o ser precede o nada ou se do nada surge o ser ou como na história da filosofia, o de saber o que é o ser humano. E sim, conforme Levinas, o que deve ser buscado é a exposição da humanidade do humano, a exposição ao Outro, ao Outro homem.

A responsabilidade para Levinas, segundo Habib, aparece como um *a priori*, ou seja, que vem antes da experiência. Vale ressaltar, que a experiência necessita primordialmente de uma consciência da experiência, e também a experiência da consciência. A responsabilidade para Levinas é pré-originária. E nas palavras de Habib: “Há uma inquietude ética, ou seja, para o Outro, da fome e da nudez do próximo, concretamente, e é próprio do Para-outro – Eu dou de comer e de vestir. É exatamente a resposta de Levinas a

questão: << O que é concretamente a ética? >>. E nossa filosofia da precisão: << do Outro, eu tenho responsabilidades a partir do comer e do beber.>>”. (HABIB, 1998, p. 58). É preciso sublinhar que, no caso da responsabilidade sartreana, é o ser humano que decide ser responsável pelo Outro. Já Levinas em *Éthique et Infini*⁶ vê com relação a responsabilidade do Outro, é que há um ser que olha para o Eu, que é abordado como rosto. De maneira mais enfática sobre o rosto, o filósofo fala:

O surgimento do rosto é o surgimento de minha responsabilidade-Para-Outro. Positivamente, nós diremos uma vez, que os outros olham para mim, eu sou responsável, sem sequer ter de assumir a responsabilidade por ele; responsabilidade que recai sobre mim. É uma responsabilidade que vai além do que eu faço. Eu digo de outra maneira, que a responsabilidade é inicialmente Para-Outro. Isso quer dizer que eu sou responsável da responsabilidade mesma (LEVINAS, 1982, p. 92).

Dessa maneira, a responsabilidade em sentido levinasiano transcende decisões e uma escolha da liberdade. Pelo rosto do outro já é instaurada a responsabilidade do eu, é pelo apelo e chamado alheio, portanto, não é possível tratar-se de um ato reflexivo, visto que o eu é convocado antes de dizer sim ou não. Além disso, é uma responsabilidade irrecusável e, portanto, não escolhida. É necessário explicitar a passagem de uma responsabilidade Para-si para uma responsabilidade Para-Outro, no entanto, as perguntas que surgem são: É possível que ocorra essa passagem? E como ela se dá? Eis a tentativa que se faz necessária de explicitar. É o que nesse momento se fará, no ponto a seguir.

1.1 O Para-si sartreano

Para começar a explicitar tal ponto é necessário retornar a frase de Dostoiévski utilizada por Sartre em *Verité et existence*: “Eu sou responsável por tudo na minha frente de mim e na frente de todos e a ignorância é restringir a minha responsabilidade do mundo.” (SARTRE, 1989, p. 98). Isso mostra que não é possível que o homem se faça de ignorante a atribuir somente aos outros a responsabilidade ou ao mundo, visto se ele próprio o autor de suas ações, e, portanto, livre e responsável, não somente frente ao seu projeto existencial, mas, também em presença com os demais indivíduos, pois não se encontra isolado no mundo por meio de um projeto solitário.

⁶ *Éthique et Infini* – Ética e Infinito escrito em 1982.

O Para-si não coincide consigo mesmo, isto é, ele não é o que é e é o que não é, há uma dialética interna em sua estrutura fundamental, uma negação. Nas palavras de Habib para explicitar a condição do Para-si:

O Para-si é essencialmente uma retirada do seu próprio ser e uma projeção de si na frente de si mesmo. A cada momento, o Para-si, não está mais em seu presente e ele já está em seu futuro. É assim que Sartre poderia declarar que ele não coincide jamais consigo mesmo, que ele é essencialmente um ser não-idêntico [...] Assim o Para-si é uma retirada contínua a si, ele é << o fundamento de seu próprio nada. >> Essa estrutura, Sartre chama também não-identidade...>> (1998, 71).

Com isso, nota-se que o Para-si possui uma dialética interna que lhe é própria, uma saída ou um descolamento de si mesmo, isto é, uma negação do seu próprio ser. Isso possui relação com a falta de uma essência prévia, visto que, no existencialismo sartreano, sabe-se que a existência precede a essência e não há leis causais que estruturam o ser. Pois, o ser, isto é, o homem, vai se fazendo, se constituindo enquanto humano ao longo de sua existência por suas ações. Uma vez sendo livre, projeta-se ao futuro e possui o poder de criar possibilidades e escolhas. E dessa maneira, passa a ter um projeto existencial com a liberdade e a responsabilidade sendo elementos decisivos. O Para-si se constitui do movimento transcendente do em-si. Visto que o Para-si é transcendência. Vale ressaltar conforme, Habib que a característica da consciência [consciência e Para-si são entendidos por Sartre como uma única e mesma coisa]. (HABIB, 1998, p. 73). Não há, pois, uma separação ou distinção entre consciência e Para-si, pois, há sim, uma igualdade.

E sobre o projetar-se do Para-si, visto que é ele próprio que dá a sua transcendência e sua negação dialética, mostra que a evidência do Para-si é um absoluto relativo. Isso revela tanto quanto a uma relação com o Outro, que o Para-si pode ser responsável pelo Outro, pela condição de ser responsável antes e em primeiro lugar, por si mesmo. E além do mais, é indispensável que haja a escolha e o engajamento do ser para efetivamente ser responsável pelo Outro. Uma vez sendo elemento constituinte e presente na responsabilidade, é justo falar da escolha.

1.2 Escolher é ser responsável: aproximações entre o pensamento de Sartre e Levinas

Ora, o Para-si, para ser responsável, deve desempenhar sua liberdade. Sartre já deixou isto claro. O que surge agora é a pergunta por uma possível reciprocidade entre o Para-Si e o

Outro. Há uma reciprocidade entre os existentes humanos, levando em consideração suas diferenças, devido seus projetos existenciais? Eis um problema moral inevitável.

Segundo Catherine Chaliier a responsabilidade deve ser entendida sobre o primado do Para-Outro, não é uma escolha, isto é, não é o objeto de um projeto do Para-si, como a concepção sartreana salienta. “Mas, deve bem mais me escolher, me designar, me interpelar, me invocar, me atribuir.” (HABIB, 1998, p. 77). Além disso, referente ao sentido de humano e do Eu, Chaliier ressalta que se caracteriza enquanto um eleito, respondendo a convocação que os homens lhe fazem. O psiquismo humano está habitado por essa espécie de assombro da convocação e do chamado, que não absorve o ser, uma vez que a responsabilidade pelo Outro retira sua realização quando está prestes a acontecer. (cf. CHALIER, *l’utopie de l’humain*, p.88-89). O rosto do outro convoca, há uma obrigação que deve ser feita e realizada pelo Eu, isso mostra que o mesmo deve responder tal apelo ético com a responsabilidade, isto é, a responsabilidade pelo Outro. Eis o sacrifício que o Eu sofre.

Há no aparecer do rosto um comando, uma convocação do tipo “não matarás”, é uma ordem que deve ser seguida. Visto que, o mesmo apresenta uma fragilidade, uma vulnerabilidade, uma nudez de sentido ou transparência e um dever que extrapola o projeto isolado do Eu, a qual só esse pode responder. Não há, pois, possibilidade de desvio de responsabilidade, uma vez que se encontra face a face com o rosto do Outro. Quanto ao rosto, o olhar transmite algo, fala algo ao Eu, isto é: “Tu é meu guardião e eu sou teu irmão, e me obriga por me interpelar sua fraqueza.” (HABIB, 1998, p. 79).

Uma vez se falando em alteridade e relação com o Outro, faz-se necessário mencionar que há um indicativo moral no interior da concepção da responsabilidade. Dessa maneira, passa-se a explicitar tal questão, e se fará por meio de uma análise de como se dá em sentido sartreano, a moral. Há uma espécie de consciência moral sartreana, visto o Para-si ser falta de ser e serem projeto. E por ter essa falta de ser, sendo assim, ele deve se dar ao ser. Nesse sentido, há um dever por trás dessa falta, o ser se constitui por suas ações no mundo, na concretude das situações. Nas palavras de Habib sobre essa questão:

O sujeito moral é o Para-si humano que em situação, escolhendo, escolhe a si mesmo. Não há, portanto, existência sem consciência, nesse sentido preciso que a existência da consciência, é a consciência da existência. E dizer isso, é também colocar que não há projeto sem sujeito. Tudo parte do sujeito. (1998, p. 106).

Uma vez que o sujeito escolhe a si mesmo, ou seja, escolhe ser o homem que quer, que cria seus próprios valores, suas próprias leis, passa a ter consciência da sua existência, é nesse caminho que uma moral sartreana caminha e que é possível visualizar um sujeito moral no

sentido do existencialismo sartreano. Pois, só é possível que reflita sobre suas ações e sobre seu projeto por meio de sua consciência que doa sentido as coisas, as situações. E isso só pode se dar em relação com o mundo, e no modo existencialista, na existência humana. Isso mostra que o sujeito é o protagonista central de sua existência, é mediante suas deliberações e tomadas de decisão que algo pode acontecer, alterar se ou ser criado.

Ao ser o homem que escolhe quem é por meio de suas ações, o mesmo visa ou intenciona valores, se responsabiliza absolutamente por seu engajamento no mundo. A responsabilidade é parte constitutiva do projeto humano. Ao ser responsável o homem pode se colocar a seguinte questão: Se todo mundo agisse como eu, que aconteceria? Vale ressaltar que tudo começa com o homem, em sentido sozinho, em seu projeto particular, mas, se termina ou se transcende rumo uma responsabilidade para toda a humanidade. Na obra *O existencialismo é um Humanismo* é ressaltado que o homem é livre, ademais o homem só é na ação, como é apresentado em *O ser e o nada*, “A condição indispensável e fundamental de toda a ação é a liberdade do ser atuante” (SARTRE, 2011, p. 540). Só que a mesma implica uma responsabilidade, um engajamento com os outros homens, isto é:

Logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade e não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. (SARTRE, 1987, p. 19).

Portanto, uma vez que o indivíduo toma consciência de sua liberdade absoluta e incondicionada, passa a ser engajado por todos os outros indivíduos. Não há, pois, como almejar preservar somente sua liberdade de maneira isolada, deve também valorizar e querer a liberdade dos outros. A liberdade enquanto fundamental para o projeto existencial e a possibilidade de responsabilidade passa a ser um valor que deve ser buscado pelos homens. Como se percebe a responsabilidade que o homem possui não diz respeito somente ao seu projeto e sua existência, mas, ultrapassa-o e encontra o sentido do humano, como reforça Sartre: “nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira.” (1987, p.7). Por conseguinte, tendo em vista a responsabilidade que o homem deve assumir, é fundamental reconhecer que, se a existência precede a essência, então, ao existirmos, procuramos moldar nossa própria imagem de tal modo que ela deve se estender para todos os homens.

A responsabilidade é determinante e com certo grau de drama, sendo assim o filósofo diz:

A responsabilidade do Para-si é esmagadora, uma vez que é aquele através do qual o mundo existe, e pelo qual está também aquele que faz ser, portanto, independentemente da situação, com o seu coeficiente de adversidade própria, era insuportável, ele deve assumir com a consciência orgulhosa de ser o autor. (1998, p.132).

Eis o peso do mundo que o homem carrega, independentemente de sua escolha, visto ser devido a sua liberdade, a sua existência que o mundo passa a ser significado e ter um sentido. Nos *Cadernos Para uma Moral*, a responsabilidade também possui um lugar de destaque por Sartre, sobre ela ele explica:

Nós somos condenados a sermos livres. Não se compreendeu bem isto. É, no entanto, a base de minha moral. Partamos do fato de que o homem está-no-mundo. Ou seja: ele é *ao mesmo tempo* uma facticidade investida e um projeto-ultrapassagem. Enquanto projeto, ele assume sua situação para ultrapassá-la [...] Eu só conservo o que eu sou pelo movimento no qual eu invento o que vou ser, pelo qual eu só ultrapasso aquilo que sou conservando-o. Perpetuamente eu tenho *que me dar* o dado, isto é, tomar minhas responsabilidades diante dele [...] Assim sou eu inquieto: sempre transformado, minado, laminado, arruinado do lado de fora e sempre livre, sempre obrigado de responder por minha conta, de tomar a responsabilidade de que não sou responsável. Totalmente determinado e totalmente livre. Obrigado de assumir esse determinismo para colocar além das metas de minha liberdade, de fazer desse determinismo um engajamento a mais (1983, p. 447, grifos do autor).

O único determinismo que existe na realidade humana e que o homem deve assumir e enfrentar é o de ser livre e responsável por seu projeto. Uma liberdade e um ser que só é infinito e no sentido que está sempre se fazendo, se constituindo. A responsabilidade infesta e investe as escolhas, os valores, pois, o homem é responsável por escolher, pelas escolhas que faz. Podemos dizer que o sentido do humano é uma permanente interrogação no existencialismo de Sartre, uma vez que em sua obra publicada postumamente já citada, o mesmo fala que do ponto de vista moral: “Devo querer que os outros possam fazer com que o ser venha a existir sobre o mundo.” (1983, P. 287.). O homem é suas ações, isto é, pode seguir fielmente que “a existência precede a essência”, e sendo assim o ser é almejado, é valorado, pois será construído pelo próprio homem.

Conclusão

Em Sartre, não há como separar o ofício de escrever da liberdade da responsabilidade diante da existência, do mundo e dos outros. Sabe-se que o existencialismo sartreano coloca

questões referentes ao homem, à liberdade, à responsabilidade. Pode-se então dizer que certa inquietude moral, uma consciência atormentada pela prestação de contas sobre si mesmo diante do existir, atravessa o existencialismo sartreano. A literatura nos põe de modo original (originário), em meio ao humano como palavra. É graças ao verbo que nos descobrimos como humanos, toda palavra, seja a mais abstrata, já traz a marca do falar humano, falar concreto inserido e presente no mundo intencionalmente. Ao escolher, o homem que alguém deseja ser, que alguém almeja ser, terminam por mostrar que sempre se escolhe o homem que se julga que se deva ser. Com isso, a tese sartreana propõe: “Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.” (1970, p. 204). “Escolher ser isto ou aquilo, é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal. O que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos.” (1970, p. 204). Na literatura este valor de escolha e da coletividade também é presente, é o poder de decisão através da obra, da leitura que mostram o exercício da liberdade, a responsabilidade pelos outros, o colocar diante de todos que escolher é ter de ser responsável pelas ações.

Em Levinas, o homem é um “Eis-me aqui” na relação para com o outro. Desde o início a alteridade está presente, e é isto que faz que o eu seja lançado para fora de si mesmo. É mediante a proximidade que o contato com outro se dá, pois o outro é infinito, isto é, inabarcável, não-sintetizável. Eis por que a responsabilidade não pode de forma alguma ser reduzida ou eliminada. Não se trata de uma decisão. A responsabilidade pelo outro, isto é, que surge pela proximidade do próximo em que há uma abertura, aponta, segundo Levinas, para a “possibilidade de todo o sacrifício por outrem” Paradoxalmente, então, “passividade e atividade confundem-se.” (2011, p. 131). Levinas, apresenta uma discussão sobre o sentido da ética a partir de uma abordagem do sujeito no acusativo. De algum modo, ser eu é descobrir-se como aquele que carrega o peso do mundo e dos outros. O eu é, neste caso, sinônimo de sujeito sensível, vulnerável e respondente. O outro ordena e traumatiza a auto-suficiência do eu tornando-o vulnerável. Nas palavras de Levinas, citando Dostoievski: “Todos nós somos culpados por tudo perante todos e por todos; eu mais do que os outros” (1982, p. 90). O que chama a atenção nestas análises agudas e provocativas é o fato de que o rosto, o olhar e o vestígio do outro, que fazem do eu um sujeito responsivo, para o qual o outro não pode ser dado ontologicamente como um análogo, também são aquilo que incita o assassinato.

Referências

- CHALIER, Catherine. **Lévinas: L'utopie de l'humain**. Paris, Albin Michel, 1993.
- ECKER, Diogo, SALVATTI, Ésio Francisco, PIRES, Cecília. **Existência e liberdade: diálogos filosóficos e pedagógicos em Jean-Paul Sartre**. Passo Fundo: IFIBE, 2013.
- HABIB, Stephane. **La responsabilité chez Sartre et Levinas**. Préface de Catherine Chalier. L'Harmattan, Paris, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **Les imprévus de l'histoire: exigence d'une pensée**. Préface de Pierre Hayat. Fata Morgana, 1994.
- _____. **L'au-delà du verset**. Paris: Ed. De minuit, 1982.
- _____. **Ethique et Infini**. Paris: Fayard, 1982. (livre de poche, 1984).
- _____. **Difficile liberté: Essais sur le judaïsme**. Paris, Albin Michel, 1963 (livre de poche, 1984).
- SARTRE, Jean-Paul, **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigo, 20ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. **L'être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 2001.
- _____. **La responsabilité de l'écrivain**. Paris: Verdier, 1946, 1998.
- _____. **O existencialismo é um humanismo**. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)
- _____. **Vérité et existence**. Paris: Gallimard, 1989.
- _____. **Que é a literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. 2ed. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Cahiers pour une morale**. Paris: Gallimard, 1983.
- _____. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.